

São Paulo, 11 de fevereiro de 2008.

NOTA À IMPRENSA

Cesta básica tem alta em janeiro

Em janeiro, o preço dos gêneros alimentícios essenciais apresentou alta em 15 das 16 capitais onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – realiza, mensalmente, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica. Os preços chegaram a registrar variações bastante elevadas, como ocorreu em Salvador (9,01%), Brasília (8,26%), Recife (7,39%), São Paulo (6,74%) e Rio de Janeiro (6,05%). Somente em Aracaju houve queda (-1,45%) enquanto em Porto Alegre o aumento – de 0,63% - foi inferior a 1,00%.

Pelo terceiro mês consecutivo, a capital paulista registrou o maior custo para a cesta. Em São Paulo, os gêneros alimentícios essenciais custaram R\$ 229,09, um valor bastante distanciado do verificado em Belo Horizonte, onde a cesta ficou, em média, em R\$ 216,78. Em Porto Alegre, seu valor foi de R\$ 214,27. O menor preço foi apurado em João Pessoa (R\$ 159,80).

Com base no valor apurado para a cesta em São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deveria suprir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em janeiro, este piso deveria corresponder a R\$ 1.924,59, ou seja, 5,06 vezes o valor do salário mínimo vigente. Em dezembro, o mínimo necessário era de R\$ 1.803,11, que correspondia a 4,75 vezes o valor do salário mínimo.

Em doze meses, ou seja, de fevereiro de 2007 a janeiro último, a elevação verificada no preço da cesta básica foi superior a 20,0% em nove capitais. As maiores altas ocorreram em Fortaleza (28,48%), Goiânia (26,31%) e Salvador (26,06%). Florianópolis (14,19%), João Pessoa (14,80%) e Porto Alegre (14,98%) registraram as menores variações acumuladas no período.

TABELA
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais
Brasil – Janeiro 2008

Capital	Varição Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido*	Tempo de Trabalho	Varição Anual (%)
Salvador	9,01	173,01	49,49	100h 10min	26,06
Brasília	8,26	209,20	59,84	121h 07min	20,62
Recife	7,39	166,90	47,74	96h 38min	21,72
São Paulo	6,74	229,09	65,53	132h 38min	24,02
Rio de Janeiro	6,05	206,22	58,99	119h 23min	16,79
Belo Horizonte	5,85	216,78	62,01	125h 30min	23,00
Curitiba	5,63	197,77	56,57	114h 30min	16,14
Vitória	4,76	198,54	56,79	114h 57min	17,49
Fortaleza	4,00	164,69	47,11	95h 21min	28,48
Goiânia	3,06	195,13	55,82	112h 58min	26,31
João Pessoa	3,04	159,80	45,71	92h 31min	14,80
Florianópolis	2,92	196,40	56,18	113h 42min	14,19
Natal	2,47	172,05	49,21	99h 36min	24,94
Belém	1,47	192,81	55,15	111h 38min	20,89
Porto Alegre	0,63	214,27	61,29	124h 03min	14,98
Aracaju	-1,45	168,67	48,25	97h 39min	18,17

Fonte: DIEESE

* Com o fim da CPMF, foi eliminado o desconto da contribuição previdenciária que era dado a quem recebe salário mínimo, para compensar este pagamento, alterando levemente o percentual comprometido.

Jornada de trabalho

Com o comportamento dos preços em janeiro, o trabalhador que ganha salário mínimo precisou cumprir, na média das 16 capitais pesquisadas, uma jornada de 110 horas e 46 minutos para adquirir os produtos que compõem a cesta básica. Em dezembro, a mesma compra demandava a realização de 106 horas e 09 minutos. Em janeiro de 2007, na média das 16 capitais, 99 horas e 58 minutos eram suficientes para realizar a mesma aquisição. O tempo de trabalho necessário no último mês para a compra da cesta aproximase do exigido em janeiro de 2006, quando equivalia a 112 horas e 05 minutos.

A mesma análise pode ser realizada considerando o percentual do rendimento líquido comprometido com a compra dos produtos essenciais, ou seja, após a dedução da parcela referente à Previdência Social. Com o final da CPMF, o trabalhador que ganha salário mínimo deixou de ter o desconto na contribuição previdenciária instituído para compensar o pagamento do imposto. Assim, em janeiro último, 54,73% do rendimento líquido era destinado para a realização da mesma aquisição que em dezembro demandava 52,25% (quando ainda havia o desconto na contribuição da Previdência). Há um ano, o comprometimento era de 49,21% e em janeiro de 2006 o patamar era pouca coisa superior ao atual (55,17%).

Comportamento dos preços

Em janeiro, o aumento dos preços dos alimentos essenciais continuou pressionando fortemente o custo da cesta básica. Feijão e óleo de soja, com elevações em todas as 16 capitais; tomate, com aumento em 15 e banana, em 13, foram os itens que se destacaram pelo comportamento altista.

O principal aumento, no caso do feijão, ocorreu em Salvador, onde a alta de 64,48% foi muito superior às verificadas mesmo nas cidades em que houve variações expressivas: Rio de Janeiro (25,42%), Curitiba (25,04%), Florianópolis (22,01%) e Brasília (20,80%). As menores oscilações ocorreram em Natal (1,53%), Belo Horizonte (0,84%) e Belém (0,35%).

Para o óleo de soja, as elevações mais expressivas foram verificadas em Belém (17,38%), Aracaju (14,29%) e Salvador (12,33%), enquanto as menores variações foram verificadas em Vitória (4,85%), João Pessoa (4,55%) e Curitiba (3,46%).

O tomate, produto com preço sempre sujeito a oscilações, registrou aumentos que chegaram a 75,91%, no Rio de Janeiro; 74,11%, em Belo Horizonte; e 61,54%, em Vitória. Em outras seis cidades, a alta superou 40,00%. A menor elevação foi apurada em Belém (4,61%) e a única retração ocorreu em Aracaju (-11,50%).

As principais altas para a banana ocorreram em Curitiba (32,97%), Vitória (32,58%) e Goiânia (28,17%). Houve estabilidade em Belém e taxas negativas em Fortaleza (-2,65%) e João Pessoa (-9,93%).

Dentre os produtos que apresentaram redução de preços na maior parte das localidades, o principal destaque foi a carne bovina, que ficou mais barata em 11 capitais, em especial em Aracaju (-6,83%), Florianópolis (-5,16%), Belo Horizonte (-4,58%), Curitiba (-4,50%) e Goiânia (-4,14%). Já Fortaleza (4,21%) e Brasília (4,63%) foram as cidades com maior aumento em janeiro.

Comportamento anual

Em doze meses, as elevações foram bastante generalizadas, com a maioria dos produtos pesquisados mostrando alta. Quatro itens subiram em todas as 16 capitais: carne, leite, feijão e óleo de soja.

A carne, produto de maior peso dentro da cesta básica, apresentou a maior alta em Belém (36,81%) e a menor em Curitiba (10,88%). Em dez localidades a elevação foi superior a 20,0%. Este comportamento deveu-se, basicamente, às exportações uma vez que os preços estavam favoráveis no mercado internacional. Recentemente, os países europeus passaram a embargar a carne brasileira, alegando baixo controle sanitário do gado brasileiro. A questão, porém, é mais econômica, uma vez que a carne brasileira tem preços mais competitivos no mercado europeu. Esta disputa pode ser resolvida em pouco tempo, mas o preço pode ficar mais barato para o consumo interno – o que já se verificou em janeiro em 11 localidades - até que isto ocorra.

No caso do leite, que no momento está no período de maior produção, houve forte alta ao longo do ano passado. Apesar de este comportamento ter sido refreado pelas denúncias de fraude em algumas empresas distribuidoras, seu preço ainda está mais caro que o praticado em janeiro de 2007. As altas mais significativas ocorreram em Salvador (41,78%) e Belo Horizonte (30,56%) e a menor foi apurada em Florianópolis (7,90%).

Ainda refletindo o clima adverso nas safrinhas, pois a longa estiagem reduziu a produção e atrasou em dois meses o plantio da safra das águas, o feijão encareceu exacerbadamente, quer seja pesquisado o feijão de cores ou o preto. Em seis capitais (em todas é acompanhado o feijão de cores) o aumento superou 200,0%, com destaque para Fortaleza (275,88%). A menor variação ocorreu em Brasília (78,13%). Com o início próximo da colheita, o preço deve cair, uma vez que não é sustentável um patamar tão elevado, que pode resultar em queda do consumo.

O mercado internacional vem sendo determinante para o preço do óleo de soja, que alcançou o ponto mais alto dos últimos anos na bolsa de Chicago. Sua alta, em 12 meses, variou entre 11,35%, apurada em Salvador, e 47,77%, anotada em Belém.

Quinze cidades registraram aumento no preço do pão na comparação anual. A alta chegou a 20,00%, em Salvador e a 19,75%, em Natal. A única redução deu-se em Goiânia (-1,88%). Este comportamento deveu-se à restrição da Argentina para exportar o grão, o que vem encarecendo o produto, uma vez que a produção brasileira não é suficiente para o consumo.

Apenas dois itens tiveram predomínio de queda: açúcar e tomate. No caso do açúcar, a retração foi apurada em todas as 16 capitais, com variações entre -15,43%, registrada em Belém; a -35,33%, verificada em João Pessoa. Este comportamento deveu-se à grande safra da cana no último ano.

Quanto ao tomate, apesar da forte alta apurada em janeiro, seu preço caiu, em 12 meses, em 14 localidades. As maiores retrações ocorreram em Aracaju (-37,11%) e Porto Alegre (-35,54%). Houve alta em Fortaleza (3,62%) e Recife (2,50%). Com a regularização do clima, seu preço deve ficar mais acessível.

São Paulo

Em janeiro, o custo da cesta básica na capital paulista – R\$ 229,09 – isolou-se em relação às demais localidades pesquisadas, cujo preço encontra-se em patamar bem mais baixo. Sua alta no mês chegou a 6,74%, enquanto em 12 meses o aumento atingiu 24,02%.

Dentre os treze produtos pesquisados em São Paulo, apenas três tiveram redução em janeiro: batata (-6,15%), café em pó (-1,05%) e carne bovina de primeira (-0,18%). Leite *in natura* tipo C e farinha de trigo registraram estabilidade em seus preços. Os outros oito itens subiram: tomate (39,53%), feijão carioca (19,21%), banana nanica (14,49%), óleo de soja (10,53%), manteiga (7,77%), arroz agulhinha tipo 1 (2,01%), açúcar refinado (1,77%) e pão francês (1,32%).

Na comparação anual somente o açúcar (-22,82%) e o tomate (-5,88%) registram retração. A alta mais significativa ocorreu no preço do feijão, com 182,23%. Também a batata apresentou aumento extraordinário, de 56,41%. Nos demais produtos, as variações

foram: leite, 24,82%; óleo de soja, 24,66%; carne, 20,17%; banana, 18,53%; farinha de trigo, 15,94%; manteiga, 13,57%, café, 8,06%; pão francês, 6,77% e arroz, 3,40%.

O trabalhador paulistano cuja remuneração é o salário mínimo comprometeu, janeiro, 132 horas e 38 minutos de sua jornada mensal para a aquisição dos alimentos essenciais. Em dezembro de 2007, eram necessárias cerca de oito horas a menos, ou seja, 124 horas e 16 minutos. A jornada exigida neste início de ano supera também a necessária em janeiro de 2007 (116 horas e 07 minutos) e de 2006 (130 horas e 08 minutos).

Também quando se considera o valor do salário mínimo líquido – após o desconto da parcela referente à Previdência Social, agora sem a compensação referente à CPMF – verifica-se a mesma correlação. Em janeiro último, o custo da cesta correspondeu a 65,53%, percentual maior que o necessário em dezembro de 2007 (61,16%), janeiro de 2007 (57,15%) e de 2006 (64,05%).